JORNAL

BOCAIÚVA

#1

NOV | DEZ | JAN
2026 | 2027

Florianópolis
Santa Catarina



UM LUGAR DE ENCONTROS

SÉRGIO ARRUDA E AS MEMÓRIAS QUE HABITAM A BOCAIÚVA



Praia de Fora, Rua Bocaiúva, Século XIX.

O Homem, a Casa e a Rua

Por Carlos Ferreirinha

Há mais de vinte anos, quando iniciei meu relacionamento com a **RUA BOCAIÚVA**, como parte de um projeto ligado ao Guga Kuerten, percebia que a Rua tinha possibilidade de ir além como destino, se tornando a "Oscar Freire" de Florianópolis, de Santa Catarina.

Eu não achava que era sobre transformar Florianópolis em São Paulo. Muito menos copiar a Oscar Freire. Mas, sobre reconhecer uma vocação. E com isso, na época iniciei conversas com alguns moradores, lojistas. Tudo tem seu tempo de amadurecimento e entendimento.

A maior parte das ruas são apenas vias. E muitas ruas pelo mundo afora, se tornam identidade, uma assinatura, uma marca além do endereço, da referência tradicional e do ponto de encontro. A 5. Avenida em NYC, a Avenida da Liberdade em Lisboa, a Via Montenapoleone em Milão, a Rodeo Drive em Los Angeles, a Champs-Élysées em Paris. São ruas que assinam destinos de desejo e memória, mesclados ao comércio, à cultura e ao pertencimento.



Ponte Hercílio Luz em construção.

A **RUA BOCAIÚVA**, mesmo não sendo claro na época, eu entendia que tinha essa capacidade. Naquele momento, a rua ainda não possuía a infraestrutura ou a articulação coletiva que começou a ganhar forma nesses últimos anos. Mas já existia um código diferente nessa parte da cidade, um charme diferente e de certa forma, as pessoas já comentavam sobre a Bocaiúva como diferenciada.

E agora, mais de 20 anos depois, é tão simbólico voltar a falar sobre a Bocaiúva justamente quando um novo ciclo começa.

O DISTRITO BOCAIÚVA nasce em um momento especial em Florianópolis. A Ilha da Magia - a cidade amadureceu. É admirável a relevância que vem ganhando em tecnologia, inovação, gastronomia, hospitalidade, economia criativa e, principalmente, se tornando um dos destinos mais associados à qualidade de vida. E, com isso, passou a atrair talentos, investimentos e novas ambições.

E é justamente agora, que se torna ainda mais importante ter Florianópolis crescendo e fortalecendo sua identidade. Infraestrutura é indispensável. Calçadas mais largas, iluminação qualificada, paisagismo, mobilidade, fachadas ativas e bons espaços públicos são fundamentais. Mas não somente essas iniciativas, isoladamente, criam um lugar.

Lugar é quando alguém diz "vamos nos encontrar na Bocaiúva" e todos sabem de imediato o que aquilo significa. Essa talvez seja a grande oportunidade deste novo momento: não apenas reformar uma rua, mas construir uma nova dinâmica urbana.

Durante décadas, medimos desenvolvimento urbano por metros quadrados construídos, carros, circulação e valorização imobiliária. O fato é que precisamos de outros indicadores.

Quantas pessoas caminham? Quanto tempo permanecem? Quantos encontros acontecem? Quantos negócios locais prosperam? Quantas relações são criadas? Quantos moradores conhecem seus vizinhos?

Uma rua extraordinária, é também aquela onde circulam mais pessoas, histórias e ideias. É exatamente por isso que gosto da ideia de **"DISTRITO BOCAIÚVA"**.

Distrito é uma palavra que pressupõe identidade compartilhada. Não significa uniformidade. Pelo contrário. Os distritos urbanos mais reconhecidos, misturam comércio, gastronomia, cultura, moradores antigos, novos empreendedores, tradição e contemporaneidade. E personalidade urbana precisa ser construída e, principalmente, cuidada.

Existe uma tentação frequente em processos de revitalização: sofisticar tanto um território que se elimina aquilo que o tornava especial. A Bocaiúva não precisa virar uma cenografia de cidade perfeita. Precisa continuar sendo verdadeira. A verdade e a vocação que eu percebi há mais de 20 anos.

Boa calçada. Boa iluminação. Segurança. Limpeza. Arborização. Comércio interessante. Serviço competente. Arquitetura respeitosa. Gentileza urbana. E acima de tudo, VIDA.

Na atividade do Luxo, área à qual dedico boa parte da minha trajetória profissional, aprendi que valor percebido nasce da soma de pequenos detalhes executados com consistência.

Nas cidades acontece exatamente o mesmo.

Uma árvore bem cuidada. Uma fachada que respeita a rua. Edifícios contemporâneos. Uma mesa na calçada. Um banco bem posicionado. Uma vitrine iluminada. Um porteiro que cumprimenta. Um comerciante que conhece. Uma esquina que convida a ficar. Todos esses elementos, juntos, criam um estímulo experiencial e com isso, memória.

O futuro da Bocaiúva, portanto, não será definido apenas pelas obras que mudarão parte do cenário atual. Será definido também pelo comportamento que vier depois dela.

O poder público tem responsabilidade. A iniciativa privada também. Mas nenhuma transformação urbana se sustenta se moradores, comerciantes e frequentadores não assumirem protagonismo.

Uma rua melhor influencia o bairro. Um bairro melhor influencia a cidade.



Rua Oscar Freire, São Paulo.



Projeto do Parque Marina Beira-Mar Norte. Foto: NTV e ARK7 Arquitetos / Divulgação (imagem ilustrativa)

Talvez essa seja a maior transformação que o **DISTRITO BOCAIÚVA** possa provocar em Florianópolis: mostrar que cidade não é algo que recebemos pronto. Cidade é algo que construímos diariamente.

Quando falei sobre o potencial da Bocaiúva tantos anos atrás, eu enxergava uma possibilidade. Hoje essa possibilidade está se tornando movimento. E movimentos verdadeiros têm uma característica poderosa: começam em algum lugar, mas não terminam nele.

Uma rua melhor influencia o bairro. Um bairro melhor influencia a cidade.

Por isso, o indicador que mais me interessa daqui para frente será quantas pessoas passaram a querer viver a rua? Quantos encontros começaram a acontecer? Quantos negócios nasceram? Quantas relações foram fortalecidas?

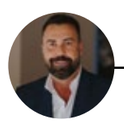
Profissionalmente, sou envolvido há muitos anos com muitos projetos imobiliários, empreendimentos residenciais e comerciais. E com isso, tenho comigo uma certeza veemente: cidades não são construídas por prédios. São construídas por pessoas.

E talvez seja isso que a Bocaiúva esteja começando a nos lembrar: das histórias, dos moradores antigos, dos lojistas tradicionais, do ontem – do agora e do amanhã.

Eu me emociono com esse momento e com algumas das conversas que tive há mais de 20 anos. ●



Rua Bocaiúva antes do aterro da Beira Mar.



Carlos Ferreirinha
Presidente e Fundador da MCF Consultoria, referência em mercado de luxo na América Latina
@carlosferreirinha

Memória, presença e futuro:

Sérgio Arruda,

o Serginho da Bocaiúva

Há quem apenas habite uma rua. Há quem seja adotado por ela, tornando-se parte integrante e ativa de sua trama social. Sérgio Arruda pertence a esse grupo. Ele estava lá em 1971, ainda criança, quando a família se mudou para o edifício Dona Santa, um dos pioneiros da Beira Mar Norte. Naquela época, a avenida terminava logo após a pracinha Celso Ramos. Ele estava lá nos anos 90, ao inaugurar o Emporium, quando o comércio local ainda orbitava quase exclusivamente o centro histórico. E está aqui agora, acompanhando a metamorfose da rua, desta vez com a infraestrutura e o projeto que ajudou a idealizar desde o início.

"Foi uma experiência muito saudável, muito legal, muito segura", recorda ele sobre a infância na Beira Mar. Ele dividia os dias entre a escola e as peripécias com Rogério Capela, Max, Laudares e Guilherme Grilo, o vizinho que cedia o quintal para as partidas de futebol. Embora a família tenha se mudado para Coqueiros em 1982, o retorno de Serginho ao mesmo prédio anos depois revelou que o sentimento de pertencimento nunca se dis pou. *"Sempre cultivei esse calor afetivo pela região pois eu cresci aqui."*







UM ARMAZÉM COM ALMA DE BAR

O Emporium nasceu em 1992 como uma casa de produtos importados. Era uma raridade em uma cidade que, antes da abertura comercial do governo Collor, não encontrava nem azeite de oliva nas prateleiras dos supermercados. Contudo, Serginho vislumbrou um ponto de convergência. "Existia uma carência real. Publicitários e funcionários públicos de alto escalão não tinham um lugar adequado para socializar."

Assim, o Emporium Bocaiuva transformou-se nesse refúgio, com happy hour e tábuas fatiadas na hora. Era um armazém com aroma de tradição em uma cidade que começava a ganhar musculatura. A rua tornou-se o palco de décadas de rituais informais. Ali ocorreram as reuniões políticas de Jorge Bornhausen, os camarins improvisados das bandas do Planeta Atlântida, o grupo da terça, a confraria dos mais velhos às quartas e a turma de quinta, liderada por Paulinho Cardoso. "A cidade inteira passou por ali", sintetiza.

A PILHA, O BEIJO E OUTRAS HERANÇAS

Há gestos que marcam a vida sem alarde. Serginho compartilha, quase em confidência, a memória da mãe de Xande Fontes. Ela era uma cliente assídua que encomendava as cestas de pães especiais. Em uma de suas visitas à residência dela, notou que o controle remoto da televisão falhara. Sem hesitar, Serginho saiu, comprou as pilhas, retornou e realizou a troca. Ao tentar pagar, a senhora apenas lhe entregou o valor e disse: "Isso aqui é pra ti. E mande um beijão pro Serginho". Para ela, ele já era o Serginho há muito tempo. É dessa intimidade silenciosa que se constrói a verdadeira memória de uma rua.

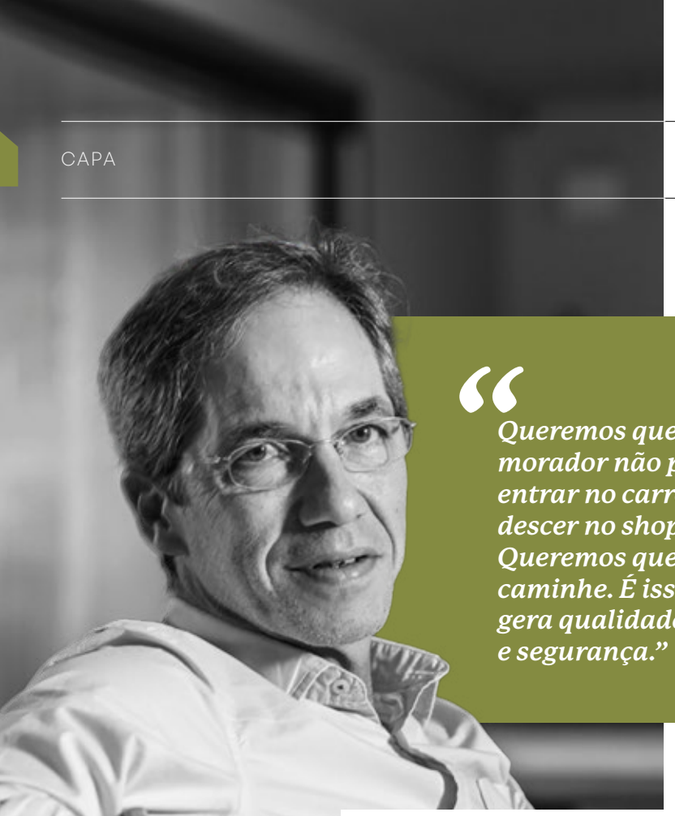
O DIA EM QUE UM OLHAR EXTERNO ENXERGOU O POTENCIAL LOCAL

A virada começou com um estrangeiro, ou melhor, com alguém que veio de fora experimentar a Bocaiuva. Em 2003, no auge do sucesso de Guga Kuerten, Carlos Ferreirinha foi contratado para o lançamento da marca do tenista. Ele é um nome fundamental do mercado de luxo da Rua Oscar Freire, em São Paulo. Ao passar pela Bocaiúva, parou e disse: "Vocês não estão vendo, mas eu estou. Isso aqui é a Oscar Freire de Florianópolis". A profecia ecoou. Comerciantes começaram a investir na estética da via por conta própria, dando origem ao que hoje conhecemos como Movimento Bocaiuva.

A trajetória não foi linear. Serginho não mascara os anos de impasse, momentos em que o apoio governamental oscilava entre o Estado e a Prefeitura, nunca convergindo. "Precisávamos de ambos os níveis de governo atuando em sintonia, o que só aconteceu agora, nesta reta final." Para ele, a entrada da iniciativa privada, representada por projetos como a Casa Hurbana, foi o gatilho para destravar o que classifica como algo custoso, mas que enfim vai sair do papel.



Ao lado dele, nomes que faz questão de exaltar antes de qualquer mérito próprio: a Claudia da lavanderia, o Sebrae, a CDL e a Liga. Existe uma imagem que imortaliza esse esforço coletivo: a caminhada de mais de vinte comerciantes, a pé, da Bocaiúva até a prefeitura, exigindo audiência com o então prefeito. "Não faltou interesse da comunidade", pondera. O que faltava, sugere, era a coragem política para in-



> *“Queremos que o morador não precise entrar no carro e só descer no shopping. Queremos que ele caminhe. É isso que gera qualidade de vida e segurança.”*



vestir em um espaço rotulado como de elite, enquanto outros bairros recebiam recursos vultosos.

O QUE AINDA FALTA

Serginho não discorre sobre a revitalização como um vendedor de projetos, mas como quem habita a estrutura. Sua inquietação não reside na obra em si, mas no legado. O fluxo de trânsito e de pedestres ainda não está preparado para o adensamento residencial. “Não haverá milagre”, alerta. Todavia, aposta que o impacto será visível. Ali teremos calçadas ampliadas, segurança 24 horas e uma vitalidade contagiante.

Para ele, a grandeza de uma rua não reside na arquitetura, mas na vocação pedestre segura. É a possibilidade de resolver o cotidiano a pé, sem a ditadura do automóvel. “Queremos que o morador não precise entrar no carro e só descer no shopping. Queremos que ele caminhe. É isso que gera qualidade de vida e segurança.”

DAQUI A VINTE ANOS

Questionado sobre 2046, Serginho não hesita ao se imaginar ali, seja através do Emporium Bocaiuva ou da continuidade do legado por seus filhos. Ele traça um paralelo com a transição entre o Central Park e o Meatpacking, em Nova York. Moradores que se tornam vizinhos, o charme de um bar de esquina, visitantes curiosos em busca do Distrito Bocaiuva.

A preocupação fundamental, contudo, é a preservação da identidade. “Não podemos nos perder no caminho, como vimos tantas outras cidades se perderem.” Serginho almeja manter a essência que viu florescer, transformando o estigma do manezinho em um símbolo de orgulho. “Hoje em dia, ser manezinho é uma conquista.”

O OURO GUARDADO

Quando a conversa já fluía há quase uma hora, surgiu uma história inédita. Em um tempo de glamour quase involuntário, a esposa de Ron Dennis, dono da McLaren, vinha da Inglaterra para tratamentos médicos na rua e frequentava o Emporium. Havia também as viagens à Toscana para cozinhar ao lado de Cláudio Savitar, trazendo a amizade com o chef Ravioli para as edições do Emporium Jazz. O festival foi criado em 2005 para oferecer ao inverno da Bocaiúva uma vida própria, já que, sem o apelo da praia, era preciso inventar motivos para ocupar a rua. “As pessoas não vêm apenas pelo cardápio. Vêm para acrescentar, para alegrar, para conviver e compartilhar.”

É talvez esta a frase que melhor define Serginho para além do empresário. Ele é um homem que, há mais de três décadas, compreendeu que o valor real de uma rua não reside no que se comercializa nela, mas no que ela é capaz de reunir e proporcionar em suas memórias. ●







> *“Não podemos nos perder no caminho, como vimos tantas outras cidades se perderem.”*









Carlos Eduardo - Cadado
Empresário e Diretor Comercial da @publicar.busdoor

Compre e concorra

2 Audi Q3 2.0

A cada R$ 400 em compras, você recebe
1 cupom para concorrer a **dois Audi Q3 2.0.**

Quanto mais cupons, mais chances de ganhar.

R$ 400 = 1 CUPOM



Promoção válida de **16/10** a **28/12/26**
Sorteios: **21/12** e **28/12/2026**

Promoção Comercial "PARA SEMPRE NA SUA LEMBRANÇA", válida no período de 16/10/2026 a 28/12/2026. Consulte o regulamento completo em www.promocao.beiramarshopping.com.br ou no Posto de Emissão dos cupons. Certificado de Autorização SPA/ME nº 06.052982/2026.

Beiramar
SHOPPING



Lugar de encontros

Repensar os espaços da cidade é também reinventar a maneira de estar nas ruas.

Por Tati Filomeno

Florianópolis começa a experimentar uma mudança de perspectiva: pensar a cidade não apenas a partir do que construímos, mas da forma como queremos viver nela.

A transformação da Rua Bocaiúva, com calçadas ampliadas, ciclovias mais seguras, redução do tráfego e da velocidade dos veículos, novos empreendimentos e fachadas ativas, faz parte de um movimento que já aparece em diferentes pontos do Centro. Rua Francisco Tolentino, Esteves Júnior, Gama D'Eça, Beira-Mar Norte e outros espaços começam a revelar novas possibilidades para a vida urbana. Mais do que intervenções isoladas, essas mudanças podem formar uma rede de espaços públicos capazes de conectar pessoas, atividades, bairros e paisagens.

É uma mudança que ultrapassa o desenho de uma rua. É uma mudança na forma de pensar a cidade.



Durante décadas, o planejamento urbano foi marcado por um modelo que organizava a cidade em torno do automóvel, separando morar, trabalhar, estudar e consumir. Florianópolis também carrega essa herança. No Centro, temos um território compacto, histórico e ainda muito vivo, mas com poucos espaços públicos qualificados e áreas verdes. As ruas precisam acomodar veículos, transporte, bicicletas e pedestres, muitas vezes deixando pouco espaço para aquilo que deveria estar no centro da experiência urbana: a convivência.

Foi essa reflexão que orientou o projeto Floripa Centro: Repensando seus Espaços Públicos para as Pessoas, que coordenei como Diretora Executiva do Laboratório de Urbanismo e Arquitetura – LUA, em parceria com o escritório dinamarquês Gehl Architects. A partir da observação da vida cotidiana, o projeto trouxe para o debate uma ideia essencial de Jan Gehl: antes de desenhar edifícios e ruas, precisamos compreender a vida que acontece entre eles. Calçadas, árvores, bancos, sombras, ciclovias, fachadas ativas e lugares para permanecer não são detalhes. São a infraestrutura da vida urbana.

Uma rua, portanto, não precisa ser apenas um lugar por onde se passa. Pode ser um lugar onde se fica: onde encontramos um amigo, tomamos um café, levamos uma criança para caminhar, pedalamos, praticamos esporte ou simplesmente contemplamos a cidade. É nessa escala que pequenas mudanças podem produzir grandes transformações.

RENOVAR SEM APAGAR A HISTÓRIA

Centros históricos do mundo inteiro convivem com imóveis vazios, edifícios subutilizados e comércio enfraquecido. Florianópolis, porém, ainda possui um centro intensamente utilizado por moradores, estudantes, trabalhadores e visitantes. Essa vitalidade é uma oportunidade.

O retrofit pode ajudar a transformar o lugar de passagem em lugar de permanência, moradia, encontros e experiências. Recuperar edifícios existentes, estimular usos mistos e reativar térreos com lojas, cafés, restaurantes, serviços e atividades culturais significa muito mais do que recuperar prédios. Significa recuperar vida urbana.

Preservar não precisa significar congelar. Ao contrário: preservar pode significar permitir que aquilo que tem valor continue fazendo parte da cidade contemporânea.

UMA NOVA GERAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS

A revisão do Plano Diretor, aprovada em 2023 pela Lei Complementar 739, trouxe instrumentos que podem aproximar o desenvolvimento urbano das necessidades coletivas. A outorga onerosa do direito de construir, por exemplo, estabelece uma relação entre potencial construtivo e contrapartidas destinadas ao interesse público. Isso nos permite fazer uma pergunta diferente: não apenas quanto podemos construir, mas o que a cidade pode ganhar com aquilo que construímos.

Hoje temos a possibilidade de fazer diferente.

Essa mudança abre espaço para pensar edifícios, quadras, calçadas, áreas verdes e espaços de permanência como partes de um mesmo sistema. O desenvolvimento imobiliário pode contribuir para a mobilidade ativa, a sustentabilidade, a qualificação dos espaços públicos e a valorização do patrimônio. A cidade pode crescer não apenas em metros quadrados, mas também em qualidade de vida.

Quanto podemos construir, mas o que a cidade pode ganhar com aquilo que construímos.

A CIDADE QUE REENCONTRA O MAR

Florianópolis tem ainda um patrimônio muito significativo: a presença da água. Durante muito tempo, construímos a cidade como se o mar fosse apenas uma paisagem ao fundo. Hoje podemos fazer diferente e transformar nossas bordas d'água em espaços de encontro entre cidade, natureza e pessoas.

O Parque Urbano e Marina Beira Mar representa uma dessas oportunidades, assim como a reabertura da Ponte Hercílio Luz, que reintegrou um dos maiores símbolos de Santa Catarina à vida cotidiana da cidade, articulando mobilidade, paisagem, cultura, turismo, esporte e lazer.



Na Baía Sul, a revitalização do Parque Náutico Walter Lange recoloca o remo e os esportes náuticos no cotidiano urbano, ampliando as possibilidades de lazer, caminhada e convivência.

São exemplos de uma cidade que começa a reencontrar sua paisagem e, por meio dela, reencontrar a si mesma.

UMA CIDADE PARA VIVER

Quando penso no futuro de Florianópolis, não penso apenas em novos edifícios, ruas ou empreendimentos. Penso em uma cidade capaz de combinar desenvolvimento e preservação; inovação e patrimônio; natureza e urbanidade. Uma cidade onde edifícios históricos possam voltar a ser habitados; onde novos empreendimentos contribuam para espaços públicos melhores; onde as pessoas possam caminhar com segurança, pedalar, trabalhar, estudar, praticar esportes, encontrar amigos e contemplar o mar.

Qualificar uma calçada, reduzir a velocidade dos carros, plantar árvores, criar ciclovias, recuperar edifícios ou ativar térreos podem parecer pequenas ações. Mas é justamente a soma delas que transforma a experiência de viver na cidade.

Jan Gehl nos ensinou a olhar para a cidade na escala humana: aquela em que percebemos uma fachada, encontramos alguém conhecido, sentimos a sombra, ouvimos os sons da rua e decidimos permanecer porque o lugar nos convida a ficar. É esse o futuro que Florianópolis pode construir.

Uma cidade em que o Centro volte a ser também lugar de moradia; em que o patrimônio continue vivo; em que o mar esteja mais presente no cotidiano; e em que caminhar, pedalar, trabalhar, estudar, praticar esporte e encontrar amigos façam parte de uma mesma experiência urbana.

Porque uma cidade não é feita apenas de prédios, ruas ou infraestrutura.

Uma cidade é feita dos encontros que ela possibilita.

E talvez essa seja a transformação mais importante: deixar de perguntar apenas **quanto podemos construir** e começar a perguntar que **vida queremos construir juntos.** ●



Tati Filomeno
Tatiana Filomeno é arquiteta, urbanista, diretora executiva do LUA e ex-presidente da AsBEA-SC.
@tatifilomeno

CONEXÃO *BOCAIÚVA*

Em setembro de 2025, Florianópolis entrou num seleto grupo de cidades: Nova York, São Francisco, Melbourne, Sydney, Moscou, Cidade do México e Copenhague, para citar algumas. Através do Gehl Architects, escritório dinamarquês fundado pelo urbanista Jan Gehl e reconhecido mundialmente por transformar essas metrópoles em lugares mais humanos, foi contratado para redesenhar o centro de Florianópolis pelos próximos 50 anos.

A iniciativa não partiu de um decreto municipal, partiu de uma viagem entre lideranças da CDL Florianópolis, da Acif e de outras entidades empresariais que embarcaram para um roteiro europeu que incluiu Copenhague, Londres, Lisboa e Coimbra. Voltaram com uma convicção e uma pergunta. A convicção: espaços públicos de qualidade não são custo, é investimento. A pergunta: por que não fazer o mesmo aqui?



Marcelo Consonni Gomes, Dilnei Bittencourt e Esben Neander Kristensen conectam passado, presente e futuro do Centro de Florianópolis.

O MÉTODO

Durante sete meses, arquitetos e urbanistas da Gehl percorreram as ruas do centro de Florianópolis. Não com pranchetas abstratas, mas com o método que tornou Jan Gehl famoso: observar, contar e escutar. O escritório combinou análise de dados urbanos, como densidade, tráfego e áreas verdes, com leitura territorial e escuta da população. O resultado foi entregue oficialmente à cidade em 18 de março de 2026, no Teatro Álvaro de Carvalho, reunindo autoridades, empresários e especialistas.

O estudo entregue à prefeitura reúne mais de 70 diretrizes urbanas, não um projeto de obras, mas um plano de intenções com caminhos concretos. E o que ficou claro desde o início é que uma das esquinas mais estratégicas para esse futuro está exatamente onde a Bocaiúva respira.

A CONEXÃO COM A BOCAIÚVA

Não é coincidência que um dos três espaços estratégicos escolhidos pela Gehl seja a Rua Esteves Júnior. Quem conhece a Bocaiúva sabe que as duas ruas se encontram exatamente no ponto onde o nosso bairro respira. É ali que a escala muda, que o pedestre começa a ter mais espaço, que a cidade se abre. Uma intervenção qualificada na Esteves Júnior é, na prática, uma intervenção no entorno imediato da Bocaiúva.

Mais do que isso: a linguagem da Gehl é a mesma linguagem do Movimento Bocaiúva.

> A cidade do futuro não começa na prefeitura. Começa em quem decide parar de esperar e agir. Foi o que fizeram a CDL e a Acif ao trazerem para Florianópolis uma das maiores referências mundiais em urbanismo centrado nas pessoas.



Perspectivas da Rua Francisco Tolentino.



Imagens conceituais criadas pela Gehl para as travessias seguras da Beira Mar Norte.

O PASSO A PASSO PARA O NOVO CENTRO DE FLORIANÓPOLIS



Mobilidade sustentável



Espaços públicos e resiliência climática



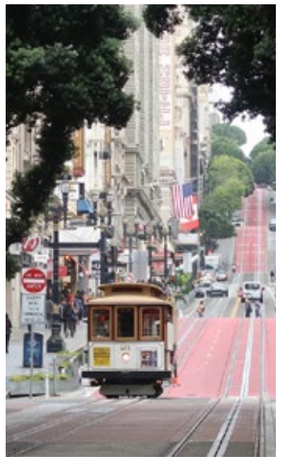
Bairros completos e inclusivos



Projetar para crianças



Turismo Sazonal



São Francisco, USA.

A LINGUAGEM DO GEHL É A MESMA LINGUAGEM DO MOVIMENTO BOCAIÚVA. ESCALA HUMANA, PERMANÊNCIA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS, ATIVAÇÃO DOS TÉRREOS, CAMINHABILIDADE, SOMBRA E CONVIVÊNCIA.



Retrofit Medelin.

va. Escala humana, permanência nos espaços públicos, ativação dos térreos, caminhabilidade, sombra e convivência. Os princípios que orientam a revitalização do nosso distrito chegaram antes de Copenhague, construídos por quem mora e trabalha aqui. E agora encontram eco numa conversa que é global.

O QUE VEM PELA FRENTE

O plano da Gehl foi entregue à prefeitura como contribuição da iniciativa privada ao futuro da cidade. Custeado pela CDL e pela Acif, chega ao poder público como um presente e um compromisso. Agora cabe à cidade transformar diretrizes em obras e realizações.

Para o Distrito Bocaiúva, o momento é estratégico. Enquanto o centro de Florianópolis começa a ser redesenhado com olhar internacional, o nosso bairro já está em movimento. O Retrofit Bocaiúva, as ativações de vizinhança, a qualificação dos espaços públicos que o Movimento Bocaiúva vem construindo não são iniciativas paralelas ao que a Gehl propõe para a cidade. São parte da mesma resposta. A mesma aposta de que o futuro das cidades se faz nas ruas, no cotidiano, nos encontros que ainda não aconteceram.

Copenhague levou cinquenta anos para se tornar referência mundial. A Bocaiúva não precisa de cinquenta anos, precisa de gente disposta a começar agora. ●

Agir local, olhar global. Essa não é apenas uma diretriz editorial. É a descrição mais precisa do que está acontecendo na nossa rua e na nossa cidade ao mesmo tempo.



Melbourne Austrália.



Em agosto de 2025, uma comitiva de Florianópolis visitou o escritório de Jan Gehl, em Copenhague, dando início à contratação do urbanista para requalificar o Centro e reconectar a cidade ao mar.



Esben Neander Kristensen, Sócio e Diretor de Design Urbano da Gehl Architects.

Encontros à beira d'água

Por Valério Gomes



Novos espaços de convívio à beira d'água são propostas do Parque Urbano e Marina Beira-Mar.

Uma marina pode ser apenas um lugar para guardar barcos ou um lugar onde as pessoas queiram estar. Essa diferença, aparentemente simples, é o que separa um projeto náutico convencional de um verdadeiro waterfront, uma orla.

A qualidade de um projeto à beira d'água não depende apenas da infraestrutura, dos píeres ou da quantidade de embarcações que consegue receber. Depende, sobretudo, da ambiência que oferece às pessoas. Da capacidade de fazer alguém chegar, caminhar, sentar, almoçar, tomar café, encontrar amigos, ou contemplar o movimento e a água.

É curioso como esse desafio se aproxima de um dos maiores princípios do bom urbanismo: a fachada ativa. Uma boa rua precisa de portas, vitrines, gastronomia, mesas, sombra, marquises baixas e gente e, também, aconchego e diversidade para criar o desejo de permanecer.

Na beira d'água acontece exatamente o mesmo. Mas poucos projetos náuticos entregam essa experiência, porque muitas marinas se tornam boas guardarias de barcos, mas continuam distantes da gastronomia, da convivência e daquele desejado "buxixo" que dá vida aos lugares.

No Mediterrâneo francês e italiano há ótimas referências. O Port de Saint-Tropez, na Riviera Francesa, Bonifácio, na Córsega, e Porto Cervo, na Sardenha, demonstram como os barcos, cais, comércios, restaurantes e pessoas compartilham o mesmo espaço. O espetáculo não são apenas os barcos, é a vida acontecendo ao redor deles.

Quem vê a Bocaiúva com edifícios modernos e trânsito intenso não consegue imaginar a "Bocayúva" do século XIX, um caminho de terra ocupado por construções esparsas, distribuídas em grandes chácaras.

Essa inspiração é importante para o futuro Parque e Marina Beira-Mar, em Florianópolis. Mais do que construir uma marina, temos a oportunidade de criar uma nova relação da cidade com o mar.

Imagino barcos atracados de popa, próximos às pessoas. O píer sendo verdadeira calçada, com restaurantes e bares a poucos metros das embarcações; as mesas à sombra protegidas por marquises acolhedoras; pessoas caminhando e conversando ao ar livre. Quem está a bordo interage com quem está à mesa e com quem passa pelo cais. Todos participam da mesma cena.

E há ainda outro ingrediente que pode parecer contraditório: o automóvel. Em velocidade bastante reduzida, ele se torna visitante e pode compartilhar alguns espaços e contribuir para o burburinho, mas sem jamais dominar o pedestre.

Tudo próximo e misturado. O vivo convívio entre barcos, pessoas, gastronomia e movimento. Porque estar à beira d'água é muito mais do que ver o mar. É criar razões para chegar, e, principalmente, para ficar. ●



Valério Gomes
Fundador e conselheiro da Hurbana - Cidade para Pessoas

Onde os *tempos* se encontram

A rua que sempre soube ser mais do que uma via de acesso, um ponto de encontro entre tempos diversos. Da Praia de Fora a projetos de futuro, a Bocaiúva carrega uma história de transformação, resistência e beleza urbana em um local de encontro entre épocas distintas.

Por Sandra Makowiecky



Inicialmente chamada de Rua da Praia de Fora, depois rua São Sebastião e em 1897, rua "Bocayúva".

É importante salientar que ao longo do século XX, a documentação pública passou a adotar "Bocaiúva", acompanhando a reforma ortográfica que substituiu o y por i. Não há registro de uma lei municipal dizendo "fica alterada a denominação"; a mudança ocorreu por padronização ortográfica. Com o Acordo Ortográfico de 1990, implantado no Brasil a partir de 2009, caiu o acento em palavras paroxítonas como Bocaiúva, mas continuamos a usar "Bocaiúva", por se tratar de um nome próprio.

De todas as marcas desse passado, nenhuma é mais expressiva do que a Casa de Chácara do número 1792. Construída no século XIX e tombada como patrimônio público em 1986, a casa sobreviveu ao avanço dos edifícios ao longo do século XX. Ela permanece ali. Não como museu, mas como interlocutora. Uma conversa aberta entre o que foi e o que está sendo construído. A famosa "Casa do Barão".

O PASSADO, um caminho de realizações.

Havia um caminho de terra, chácaras esparsas, famílias da elite de Desterro que escolheram morar à beira da Praia de Fora, onde hoje o aterro e a Beira-Mar Norte redefiniram a geografia, mas não apagaram a memória. Era o século XIX, e a rua que hoje conhecemos como Bocaiúva ainda não tinha nome oficial. Era chamada de Rua da Praia de Fora, depois de Rua São Sebastião, por conta da Capela de São Sebastião, fundada em 1856, que permanece até hoje como uma das referências arquitetônicas mais silenciosas e precisas do trecho.

Em 1897, três anos após Desterro se tornar Florianópolis, a rua ganhou o nome que carrega até hoje. Uma homenagem a Quintino Bocaiúva, jornalista, político e um dos protagonistas civis da Proclamação da República. O nome chegou com a nova era e a rua, como a cidade, foi se reinventando.

O PRESENTE, uma rua que resiste ao tempo.

Antes que os olhos encontrem as árvores, os edifícios ou o movimento das calçadas, é a brisa da Baía Norte que anuncia onde estamos. Ela atravessa a rua com a intimidade de quem conhece cada varanda, dobra cada esquina e visita, todos os dias, as mesmas janelas. Poucas ruas de Florianópolis conseguem reunir tantos tempos diferentes sem que um anule o outro. Há o tempo das árvores, que cresceram antes da verticalização da cidade; e dos prédios, que refletem a luz mutável da ilha; e dos cafés, onde uma conversa pode durar mais que uma xícara; e dos caminhantes, que, mesmo apressados, desaceleram por um instante quando o mar aparece entre as construções.



Quem vê a Bocaiúva com edifícios modernos e trânsito intenso não consegue imaginar a "Bocayúva" do século XIX, um caminho de terra ocupado por construções esparsas, distribuídas em grandes chácaras.

A "Casa do Barão "- Originalmente residência do empresário Fernando Hackradt, posteriormente foi adquirida pela família Scheele, passando a ser conhecida como Casa do Barão quando do casamento da herdeira Edla Scheele com o Barão Dietrich Von Wangenhein.

A Bocaiúva é hoje um dos endereços mais nobres e complexos de Florianópolis. A rua é residencial e comercial ao mesmo tempo, fica paralela à Beira-Mar Norte, carrega o privilégio da localização e o peso de uma infraestrutura que busca acompanhar sua vocação.

É exatamente aí que o presente se torna interessante, porque a rua não parou. Enquanto a cidade debate projetos e viabilidades, quem vive e trabalha na Bocaiúva foi criando, à sua maneira, uma experiência urbana densa e autêntica. Restaurantes que viraram pontos de encontro. Galerias que abriram suas portas para a rua. Edificações que preservaram fachadas e reinventaram interiores.

O FUTURO

As cidades também escrevem poemas. Algumas usam monumentos; Florianópolis prefere o vento. E poucos lugares traduzem isso com tanta delicadeza quanto a Rua Bocaiúva. A brisa que chega da Baía Norte carregando um discreto sabor de sal, lembrando aos distraídos que, antes de ser cidade, Florianópolis sempre foi ilha. É nessa escala sensorial que o cotidiano encontra, entre a sombra das

LIFESTYLE



Projeto do Parque Marina Beira-Mar Norte. Foto: NTV e ARK7 Arquitetos / Divulgação (imagem ilustrativa)



Foto: Divulgação

Rua Bocaiúva e Casa Hurbana, ano 2025

árvores e o murmúrio do mar, um raro sentido de permanência.

A Bocaiúva já passou por muitas transformações e sobreviveu a todas elas com o mesmo temperamento. O que vem pela frente é mais uma camada dessa história. E a rua, como sempre fez, vai absorver, adaptar e continuar sendo ela mesma.

A Bocaiúva tem algo que poucas ruas conseguem ter: uma história de quase quatro séculos e um patrimônio arquitetônico que, se preservado com inteligência, pode transformar a rua em algo muito mais raro do que uma via sofisticada: um lugar com alma.

A Bocaiúva guarda uma elegância sem vaidade. Sua beleza nasce do equilíbrio entre o concreto e o verde, entre a arquitetura que aponta para o futuro e as árvores que insistem em contar o passado. Há uma geografia invisível que só pertence às ruas verdadeiramente humanas. Ela é feita de passos repetidos, de cumprimentos cotidianos, do café tomado sem pressa, do jornal dobrado sob o braço, da bicicleta que passa em direção à Beira-Mar, do casal que interrompe a conversa apenas para assistir ao sol encontrar a água. A Bocaiúva é feita desses instantes que raramente entram para a História, mas que sustentam a vida.



"Poucas ruas de Florianópolis conseguem reunir tantos tempos diferentes sem que um anule o outro. Há o tempo das árvores; o dos prédios; o dos cafés."

É uma rua que pede convivência. Quem apenas passa conhece seu endereço; quem retorna aprende seu temperamento. Aos poucos, percebe que sua beleza não está em um edifício, em uma árvore ou na vista da baía, mas na conversa silenciosa entre todas essas coisas. ●



Sandra Makowiecky
Professora titular da UDESC, pesquisadora e crítica de arte
@sandramakowiecky



Galeria
Bocaiúva

ARTE QUE HABITA

Por Myriam Consonni Gomes



Obra símbolo em homenagem ao trabalho de Hassis*, "Vento Sul e Chuva" permanece viva e capaz de emocionar cem anos após o nascimento do artista. Dedicada à paisagem de Florianópolis, consegue traduzir o frescor desse peculiar fenômeno que nos acomete desde sempre.

A Coleção Bocaiúva nasce da celebração da obra e trajetória dos artistas e de suas interpretações para este bairro, retratando sua luz, suas esquinas, suas histórias, e nos oferecer um pedaço do que nele vivenciou. A coleção do Jornal Bocaiúva é uma obra de arte destacável. Algo que o leitor possa colecionar, emoldurar e levar para casa. Uma memória afetiva do bairro.

Curadoria é, antes de tudo, acreditar. Acreditar que arte pertence à vida cotidiana, que arte e cultura são privilégio de todos. Curadoria significa construir relações, criar percursos de leitura e provocar modos de olhar. Possibilita também criar contextos, conexões e possibilidades de encontros.

Esta é a nossa primeira obra. Mas é o começo de uma coleção que vai crescer a cada estação, junto com o bairro.

SOBRE A ARTISTA

Yone Araujo, natural de Florianópolis (SC), incursiona no mundo das artes visuais em 2016, através do uso da fotografia. Artista em contínua pesquisa e trânsito por suportes e linguagens, possui ampla experiência na gastronomia, setor onde atuou por anos como cozinheira, criadora e empresária. Comprometida com as questões ambientais e de sustentabilidade, transforma sua angústia sobre a relação do meio ambiente com o humano em trabalhos que intencionam conteúdos que expandam consciências e problematizem ações. Em seus trabalhos explora a estética das superfícies que ora remetem ao micro, ora ao macrocosmo, em um constante recriar a visão da espessura do mundo, distorcendo a percepção do comum, transformando o fragmento no todo.

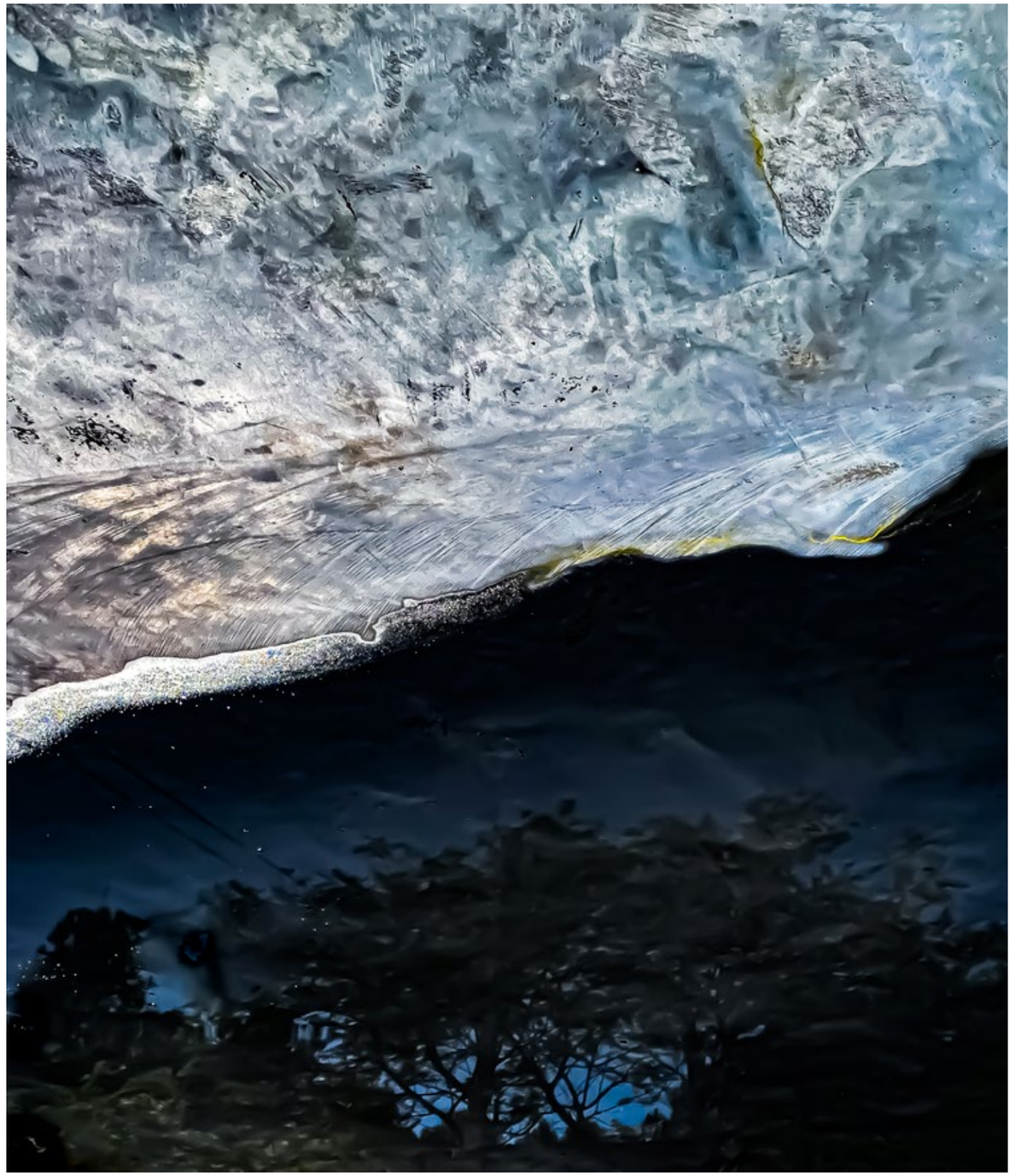
MEMÓRIAS HABITADAS

Nas fotografias de Yone Araújo, a Rua Bocaiuva torna-se um território de memória, afeto e contemplação. Um convite a desacelerar o olhar e redescobrir a poesia que habita a paisagem cotidiana. ●



Marc Pottier, Yone Araújo e Myriam Consonni Gomes

*Hassis (nome artístico de Hiedy de Assis Corrêa) foi um dos maiores pintores, desenhistas e muralistas das artes visuais de Santa Catarina na segunda metade do século XX.



Coleção Jornal Bocaiúva | Yone Araujo, 2026

Memórias *Habitadas*

O tom desta exposição é o de um passeio.

Um percurso pela memória que presta homenagem ao bairro da Bocaiúva, em Florianópolis, convidando o visitante a percorrer suas ruas, seus vestígios e suas permanências.

Após apresentar obras de Clara Fernandes e Ilca Barcellos, a Casa Hurbana inaugurou seu espaço de arte, a **Galeria Bocaiúva**, com uma nova exposição da catarinense **Yone Araujo**. A mostra reúne um conjunto de imagens que constitui um exercício de memória sobre um bairro em processo de transformação.

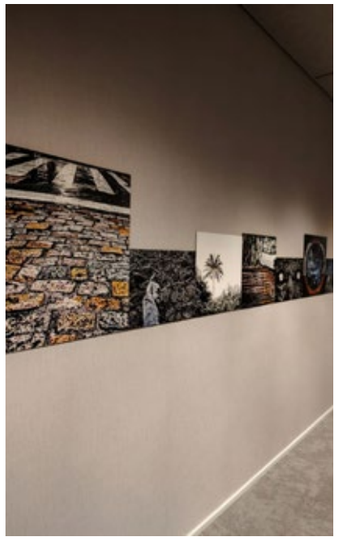
As fotografias são construídas por meio de sutis alusões à passagem do tempo. Nelas, a artista registra fragmentos, detalhes e atmosferas que despertam lembranças daqueles que conhecem a Bocaiúva. No entanto, esse percurso não se restringe à experiência de quem já viveu o bairro. É um passeio atemporal, capaz de acolher também o olhar do visitante que o descobre pela primeira vez.

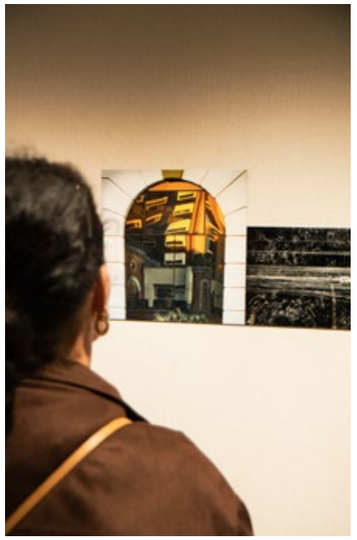
Como escreveu Baudelaire em As Multidões, *"O caminhante solitário e pensativo extrairá uma embriaguez singular desta comunhão universal."*

É precisamente essa experiência que Yone oferece em **Memórias Habitadas**: um convite a caminhar, observar e deixar que as imagens despertem, em cada um, memórias vividas ou imaginadas.

SOBRE A OBRA GIFT
Uma obra de Yone Araújo, para a Coleção do Jornal Bocaiúva
Exposição Memórias Habitadas da Galeria Bocaiúva
"Fronteira Permeável, 2025"
Fotografia digital impressa com pigmento mineral sobre papel Canvas Smooth, natural white
80x90 cm

CURADORIA DE MARC POTTIER
COORDENAÇÃO DE SANDRA MAKOWIECKY







LOCAL DA EXPOSIÇÃO:
Casa Hurbana Bocaiúva
Rua Bocaiúva, 2013 | Centro, Florianópolis – SC
De terças aos sábados | 13h às 19h
casahurbanabocaiuva.com
@casahurbanabocaiuva

Detetive
DO BAIRRO

Caso #01
Quem é quem no Distrito?

Atenção, detetives! Temos um caso para você solucionar. A Rua Bocaiuva é uma das ruas mais antigas e secretas de Florianópolis. Ela guarda capelas, casarões, pontes famosas e até uma árvore que realiza desejos!
Sua missão: descobrir cada uma das Pistas Bocaiúva, pintar o mapa e as fachadas e depois ir visitá-las com a sua família.
O bairro está esperando por você, detetive.

PISTA BOCAIUVA #1
Antes de se chamar bocaiúva, esta rua tinha o nome de um santo! E tem uma capelinha pequenininha que guarda esse segredo desde 1856. Consegue descobrir o nome dela?

PISTA BOCAIUVA #2
Essa casa tem mais de 230 anos! Quando ela foi construída, Florianópolis ainda se chamava Desterro e o Brasil nem existia como país independente. Olhe bem para as janelas. Elas têm um estilo bem diferente das casas de hoje!

PISTA BOCAIUVA #3
Se você andar 5 minutinhos da Bocaiúva, chegue ao mar! A Beira-Mar Norte tem ciclovia, pássaros, barcos e uma vista linda da baía. Em dias claros, dá para ver montanhas do outro lado da água. Já foi lá de bicicleta?

PISTA BOCAIUVA #4
Essa ponte tem 100 anos e liga a ilha ao continente! Ela ficou dormindo por muitos anos, mas foi restaurada e hoje você pode atravessá-la de bicicleta ou a pé. Da Beira-Mar Norte, em dias claros, dá para vê-la brilhando no horizonte. Consegue encontrá-la?

*Encontrou sua Pista Bocaiúva? Tire uma foto no local, **marque @casahurbanabocaiuva no Instagram** e venha buscar um mimo na Casa Hurbana. Cada descoberta vale uma recompensa, detetive!*



#1 Capelo São Sebastião | #2 Casa de Chácara 1792 | #3 Beira-Mar Norte | #4 Ponte Hercílio Luz



Pinte a Bocaiúva do seu jeito.

Que cores você daria para a sua rua?



A Casa da Chácara | Rua Bocaiúva



Casa do Barão| Rua Bocaiúva

LK DESIGN HOTEL

THE ONE

RÉVEILLON LK 2027

VIVA | SINTA | CELEBRE

31 • 12 • 2026

Uma noite, três formas de viver a virada

Saiba mais sobre o Réveillon LK



DE **Florianópolis** PARA O MUNDO OU **mundo** PARA FLORIANÓPOLIS?

Por Melina Costa

Converso com muitos profissionais e empresários no meu dia a dia e, algum tempo atrás, as pessoas achavam inviável morar em Floripa e fazer um negócio escalar. Mas ultimamente temos visto marcas e empresas conquistarem o Brasil e o mundo daqui. Com novas oportunidades de trabalho e a possibilidade pós-pandemia de trabalhar de qualquer lugar, estamos atraindo um dos ativos mais raros do mundo dos negócios: gente de talento. Florianópolis aprendeu a dialogar com o mundo e é justamente isso que faz da cidade um dos lugares mais interessantes do Brasil para se trabalhar, construir um negócio e, de quebra, ter qualidade de vida.

É o caso de Isabela Blasi, que transformou a Indicium em uma empresa global de dados e inteligência artificial. Em menos de uma década, saiu de uma ideia construída aqui para conquistar clientes internacionais, atrair investimentos relevantes e colocar uma empresa nascida na ilha entre as referências do setor. Isabela entrou para a lista Forbes Under 30. É um exemplo claro de que negócios criados em Florianópolis já não precisam migrar para ganhar escala. Nasceu manezinha e cresceu para o mundo.

Mas o movimento acontece também no sentido inverso. A DASHCITY, de Dudu Gentil e Alex Lima, faz algo que parece óbvio depois de pronto: transforma dados dispersos de um território em inteligência, usando a consciência territorial para gerar decisões melhores e abrir caminho para novas oportunidades. Dudu vem de duas décadas de marketing digital e vendas; Alex já atuou em mais de 30 territórios e ecossistemas em três continentes. A empresa combina pesquisa científica e IA para medir e transformar realidades territoriais. Não à toa, já fechou parceria com uma venture portuguesa, posicionando Floripa como polo exportador de inteligência.

Esse fluxo depende de ambientes que favoreçam encontros. Florianópolis é craque em fazer eventos que ganham relevância nacional. Primeiro foi o RD Summit, que reunia a nata da criatividade e da inovação do país. Hoje é o Startup Summit, organizado pelo Sebrae em parceria com a Acate, que reúne empreendedores, investidores, grandes empresas, universidades e especialistas de pelo menos 30 países, com impacto econômico direto estimado em mais de R$20 milhões. Mas as cifras contam só parte da história. É o retrato de um ecossistema que entendeu que as conexões mais valiosas raramente nascem no palco principal, e sim nas conversas informais, nos cafés e restaurantes da Bocaiúva e nos encontros improváveis com vista para o mar.

E tem ainda quem faça do mundo inteiro seu terreno de jogo. Patrícia Lima, publicitária catarinense, fundou a Simple Organic em 2017 e a transformou em uma das maiores marcas de clean beauty do país, vendida para a Hypera Pharma, num movimento que ela mesma define como inédito: uma fundadora mulher construindo um negócio de impacto e vendendo para uma empresa de capital aberto. Em 2026, poderia estar tranquila aproveitando a vida, mas decidiu abrir um novo capítulo com a B-Beauty & Wellness, plataforma para levar a beleza brasileira a Copenhague, Nova York, Paris e Londres. Sua tese faz todo sentido, porque o mundo deseja o Brasil das Havaianas à nossa biodiversidade, e falta à beleza nacional surfar essa onda com marca própria.

Pessoas diferentes, empresas diferentes. E o que une essas histórias não são apenas números, investimentos ou crescimento acelerado. É a capacidade de transformar conhecimento em valor, identidade em diferencial competitivo e território em plataforma para conexões globais. Não por acaso, Florianópolis consolidou-se como a capital das startups, com a segunda maior densidade de empresas tech por habitante do país, atrás somente de São Paulo, e como um dos principais ecossistemas de inovação da América Latina. A tecnologia movimenta uma parcela significativa da economia local, mas talvez o maior ativo da cidade seja outro, como a capacidade de reunir pessoas inquietas, curiosas e dispostas a construir algo novo. ●

Pessoas diferentes, empresas diferentes. E o que une essas histórias não são apenas números, investimentos ou crescimento acelerado. É a capacidade de transformar conhecimento em valor, identidade em diferencial competitivo e território em plataforma para conexões globais.



Isabela Blasi



Alex Lima e Dudu Gentil



Patricia Lima



Melina Costa
Presidente da ADVB/SC, atua há mais de duas décadas na construção de marcas, estratégia e pesquisa de tendências na TRENDS Content.
@melinacosta

ADIT CIDADES

FLORIANÓPOLIS RECEBE ENCONTRO NACIONAL SOBRE REGENERAÇÃO URBANA E NOVOS CAMINHOS PARA AS CIDADES

Realizado pela ADIT Brasil e pela Hurbana - Cidade para pessoas, ADIT Cidades ocorre de 11 a 13 de novembro e reúne especialistas brasileiros e internacionais para discutir a transformação de áreas urbanas a partir de experiências de cidades do Brasil e do exterior.

Como transformar áreas urbanas já consolidadas, devolver vitalidade aos espaços públicos e conciliar o desenvolvimento imobiliário, a qualidade de vida e as novas demandas da população estão entre as questões que serão discutidas em Florianópolis durante a primeira edição do ADIT Cidades – Fórum Brasileiro de Regeneração e Centros Urbanos. O encontro ocorrerá de 11 a 13 de novembro e reunirá profissionais e especialistas ligados ao urbanismo e ao desenvolvimento das cidades. A programação terá atividades na ACATE e no Passeio Primavera, na SC-401, além de um workshop no último dia.

O evento coloca em debate um movimento que ganha espaço no planejamento urbano: a transformação de áreas existentes, a recuperação de centralidades, os novos usos para imóveis e espaços urbanos e a criação de ambientes capazes de responder às mudanças sociais, econômicas e ambientais das cidades.

Entre os especialistas internacionais que participam da primeira edição estão Ian Goldin, professor de Globalização e Desenvolvimento da Universidade de Oxford; Gil Peñalosa, fundador e presidente da 8 80 Cities; Tim Gill, pesquisador honorário da Universidade de Exeter; e Rute Nieto Ferreira, gerente sênior de projetos da Gehl Architects.

A programação levará ao debate experiências de diferentes cidades. Entre os cases estão a recuperação dos centros urbanos de Recife; habitação, patrimônio e reocupação de territórios históricos no Rio de Janeiro; a relação entre mercado imobiliário, políticas públicas e transformação urbana em São Paulo; e a requalificação dos espaços públicos em Florianópolis. Também serão apresentados a regeneração urbana como resposta às mudanças climáticas em Porto Alegre e, no cenário internacional, o urbanismo social de Medellín, na Colômbia, a partir da integração entre as cidades formais e informais.

Florianópolis foi escolhida para receber a primeira edição do encontro. O Passeio Primavera, desenvolvido pela Hurbana na SC-401, integra a programação e contará com momentos de convivência e de networking ao longo do fórum. O espaço reúne empresas, serviços, gastronomia, cultura, inovação e áreas de convivência, em uma configuração de uso misto que dialoga com alguns dos temas que estarão em discussão durante o ADIT Cidades.

"Chegamos a um momento em que é preciso olhar com mais atenção para os territórios que já existem e compreender como podem responder às novas formas de morar, trabalhar, circular e conviver. Regenerar uma área urbana envolve infraestrutura e edificações, mas também a diversidade de usos, os espaços públicos e as condições para que as pessoas ocupem esses lugares ao longo do dia. Trazer essa discussão para Florianópolis aproxima experiências de diferentes cidades da realidade urbana que vivemos aqui", afirma Marcelo Consonni Gomes.

A regeneração urbana parte justamente do desafio de adaptar territórios consolidados às novas necessidades das cidades. Retrofit e recuperação de imóveis, requalificação de áreas centrais, diversidade de usos, mobilidade e ativação dos espaços públicos estão entre as questões que entram nessa discussão, que também envolve a articulação entre investimentos privados, infraestrutura, interesse público e qualidade urbana.

Além dos cases, a programação inclui uma palestra sobre retrofit no mercado imobiliário brasileiro e um painel dedicado às linhas de crédito para viabilizar projetos de transformação. No dia 13, o workshop "Regeneração Urbana: Como ler e transformar as cidades a partir da sua história?" propõe uma experiência prática sobre como a história, o legado, a cultura, o espaço público e os usos existentes podem orientar estratégias de regeneração e valorização territorial. A atividade será conduzida por Rute Nieto Ferreira, Giovana Ulian, da Biossplena Regeneração Urbana, e Tatiana Filomeno, do Laboratório de Urbanismo e Arquitetura (LUA). ●

A regeneração urbana direciona o olhar para o que já existe – e para como esses espaços podem recuperar sua vitalidade.

Serviço
ADIT Cidades – Fórum Brasileiro de Regeneração e Centros Urbanos
Data: 11 a 13 de novembro
Local: Florianópolis (SC), com programação na ACATE, Passeio Primavera e workshop no dia 13
Realização: ADIT Brasil e Hurbana – Cidade para pessoas
Informações e inscrições: ADIT Brasil

Mais informações e atendimento à imprensa

Assessoria de imprensa | Hurbana - Cidade para Pessoas
Carla Lins | 48 9.8836-2774
carla@atrecomunicacao.com.br

Alessandra Lima | 48 9.9996-5640
alessandra@atrecomunicacao.com.br

Júlia Duvoisin | 48 9.9819-1803
julia@atrecomunicacao.com.br

Escaneie para saber mais

@aditbrasil



IAN GOLDIN
Professor de Globalização e Desenvolvimento na Universidade de oxford.



TIM GILL
Pesquisador, escritor, Consultor sobre infância. Defensor global do Brincar e da mobilidade infantil.



GIL PEÑALOSA
Fundador e presidente Da organização sem Fins lucrativos Canadense 8 80 cities.

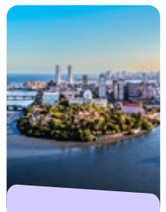


RUTE NIETO FERREIRA
Associada da gehl Architects e autora Publicada pela Tower block books.

CIDADES QUE ESTÃO REINVENTANDO SEUS TERRITÓRIOS



FLORIANÓPOLIS



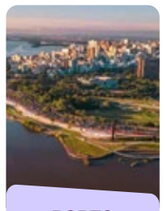
RECIFE



RIO DE JANEIRO



SÃO PAULO



PORTO ALEGRE



MEDELLÍN, COLÔMBIA

ENCONTRO LITERÁRIO



Ponte de Palavras

leva grandes nomes da literatura ao Centro de Florianópolis

Encontro gratuito, de **13 a 15 de novembro, reúne mais de 50 convidados**, entre eles Itamar Vieira Junior, José Eduardo Agualusa, Andrea del Fuego e Aline Bei

Por três dias, o Centro da capital vai virar um grande ponto de encontro entre livros, leitores e ideias. A cidade recebe a primeira edição do Ponte de Palavras – Encontro Literário de Florianópolis, que reúne escritores, ilustradores, artistas e pesquisadores do Brasil e do exterior.

As conversas vão ocupar três endereços históricos: a Casa Hurbana, o Palácio Cruz e Sousa, o Museu Histórico de Santa Catarina e a Casa da Literatura Catarinense. Além de várias Livrarias da cidade.

UM TIME DE ESTRELAS

O elenco de convidados impressiona. Itamar Vieira Junior, autor de um dos maiores fenômenos recentes da literatura brasileira, divide a programação com o angolano José Eduardo Agualusa, além de Antonio Prata, Julian Fuks, Bruna Beber e Bel Santos Mayer. Vários deles já levaram o Prêmio Jabuti, e seis estão entre os semifinalistas da edição de 2026: Andrea del Fuego, Nina Rizzi, Itamar Vieira Junior, Aline Bei, Michael França e Tomas Alvim.

Santa Catarina também tem lugar de destaque com Cristovão Tezza, Carlos Henrique Schroeder, Maicon Tenfen, Godofredo de Oliveira Neto, o ilustrador Guilherme Karsten e o artista visual Walmor Corrêa estão confirmados. A grande homenageada desta primeira edição é a escritora e socióloga Lélia Pereira da Silva Nunes, presidente da Academia Catarinense de Letras, que há mais de 50 anos pesquisa a cultura catarinense e a herança açoriana.

"A literatura tem uma capacidade singular de preservar aquilo que o tempo transforma: as histórias, os modos de viver, as lembranças e as referências que ajudam a construir a identidade de um lugar", diz Lélia. "Receber esta homenagem em Florianópolis, cidade onde vivo há mais de cinco décadas, torna esse momento especialmente significativo para mim."



ENCONTRO LITERÁRIO

PARA QUEM LÊ MUITO, POUCO OU AINDA QUASE NADA

A proposta do encontro cabe numa frase: literatura para todos. Crianças, jovens, adultos, leitores vorazes, quem está começando agora e até quem se afastou dos livros e quer voltar vão encontrar atividades pensadas para eles.

E a ideia chega em boa hora. Segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, do Instituto Pró-Livro, 53% dos brasileiros são considerados não leitores. Pela primeira vez desde 2007, quando a série começou, o país tem mais não leitores do que leitores.

"Queremos despertar a curiosidade de quem já lê e oferecer a quem ainda não tem esse hábito a oportunidade de descobrir o prazer de uma boa história", afirma a escritora e ilustradora Patrícia Auerbach, curadora do evento e idealizadora da comunidade Redelê, que forma professores leitores em todo o país.



"A literatura tem uma capacidade singular de preservar aquilo que o tempo transforma: as histórias, os modos de viver, as lembranças e as referências que ajudam a construir a identidade de um lugar"

Lélia Pereira Nunes
Homenageada



Os pequenos terão programação própria, com autores e ilustradores premiados como Guilherme Karsten, André Neves, Blandina Franco, José Carlos Lollo e Madá Costa.

LIVROS PARA PENSAR A CIDADE

Um dos diferenciais do Ponte de Palavras é colocar a literatura para conversar com o urbanismo e a vida nas cidades. Entre os convidados internacionais estão o canadense Gil Peñalosa, fundador da organização 8 80 Cities; Ian Goldin, professor da Universidade de Oxford; Tim Gill, pesquisador da infância e da mobilidade infantil; e Rute Nieto Ferreira, do escritório Gehl Architects. Michael França e Ricardo Henriques completam o time de debates sobre educação, desigualdade e espaços públicos.

Para os idealizadores Miriam e Valério Gomes, espalhar o evento pelo Centro é parte da proposta. "Queremos que o Ponte de Palavras seja um espaço de encontro para essa diversidade, onde a literatura possa provocar conversas sobre a cidade em que vivemos e aquela que desejamos construir", destacam.



"Queremos despertar a curiosidade de quem já lê e oferecer a quem ainda não tem esse hábito a oportunidade de descobrir o prazer de uma boa história"

Patricia Auerbach
Curadora



Paula Borges, presidente do Instituto Maratona Cultural, reforça o peso da gratuidade: "Queremos ver esses espaços ocupados por crianças, jovens, famílias, leitores assíduos e também por quem ainda não tem o livro tão presente no cotidiano."

Pensado para ser bienal, o encontro deve voltar à cidade a cada dois anos. A programação completa, com mesas e horários, está no site do evento. ●

"Queremos que o Ponte de Palavras seja um espaço de encontro para essa diversidade, onde a literatura possa provocar conversas sobre a cidade em que vivemos e aquela que desejamos construir"

Myriam e Valério Gomes



SERVIÇO
Ponte de Palavras – Encontro Literário de Florianópolis

Quando: 13 a 15 de novembro

Onde: Casa Hurbana, Palácio Cruz e Sousa – Museu Histórico de Santa Catarina e Casa da Literatura Catarinense (Centro)

Quanto: gratuito

Programação completa:
www.encontropontedepalavras.com.br

Realização: Instituto Maratona Cultural e Instituto Pedra Branca, via Lei Rouanet, com patrocínio de Engie, EurotecGroup e Multiolog e apoio da Hurbana, da Secretaria de Educação de Florianópolis e da Academia Catarinense de Letras.

@encontropontedepalavras

AGENDA CULTURAL

Há quem passe pelo Centro de Florianópolis sem perceber a riqueza cultural que existe em cada esquina. Nossa cidade oferece uma programação diversa, acessível e cheia de talentos locais. Entre cinema, exposições de arte, gastronomia e muita música, há sempre algo novo para descobrir. **O convite é simples: prestigiar, ocupar e valorizar esses espaços. Vem comigo acompanhar tudo o que movimenta a nossa Ilha da Magia!**



"ASSIM É (SE LHE PARECE)"

Em "Assim é (se lhe parece)", título que dialoga com a peça de Luigi Pirandello, o catarinense Walmor Corrêa apresenta sua primeira mostra de escultura, com mais de 40 obras, a maioria inédita. Entre arte e ciência, o artista usa o rigor do desenho anatômico, da taxidermia e da ilustração botânica para inventar criaturas e plantas híbridas, como a tartaruga-coelho e a pimenta dedo-de-moça de unhas feitas, inspiradas no folclore, na flora nativa e nos relatos dos viajantes europeus. Ao confundir o verdadeiro e o falso, a mostra convida a refletir sobre a relatividade da verdade e nossa relação com a natureza.

Curadoria: Marc Pottier
Abertura 11 de novembro às 19 horas
Encerra em 30 de abril de 2026
Endereço: SC-401, 4100 - Saco Grande, Florianópolis - SC, 88032-005



Acima, detalhe da obra É samba, 1968, de Hassis.Ao lado, As outras (Insituto Hassis e Cinema Paradigma)

PROJETO HASSIS 100 ANOS

Em celebração ao centenário de nascimento do multiartista Hassis, o projeto "Hassis 100 Anos" reúne uma programação especial de exposições em Florianópolis, valorizando a trajetória e a diversidade da obra do artista. As mostras apresentam diferentes perspectivas sobre sua produção, marcada por reflexões sobre memória, política, cotidiano e relações humanas.

A primeira parada é no Museu Histórico de Santa Catarina, que recebe a exposição "Entre o Instante e a Eternidade", com curadoria de Luciana Paulo Corrêa e Monique Fonseca. O Museu ocupa o Palácio Cruz e Sousa, que fica na Praça XV de Novembro, no Centro de Florianópolis.

Ainda no Centro, é possível visitar na Fundação Cultural Badesc, que ocupa um casarão na Rua Visconde de Ouro Preto, 216, a exposição "Antes que amanheça", com curadoria de Denilson Antonio, Marcello Carpes e Victoria Beatriz.

Já na região continental, a Fundação Hassis, casa onde o artista morou e que fica em Itaguaçu, apresenta a mostra "Hassis Brincante". Interativa e inédita, a exposição idealizada por Monique Fonseca, apresenta um percurso sensorial que aproxima os visitantes ao universo poético de Hassis.



Sem olhos, 2025-26
46 x 440 x 10 cm

SÉRIE "TERRA ÚBERE"

Na exposição "Raízes", a série "Terra Úbere" parte do duplo sentido de "úbere", a glândula mamária e, associada à terra, o solo fértil que nutre gerações, para tratar o ato de nutrir como um dos laços mais antigos entre corpo, ancestralidade e continuidade da vida. As obras usam formas que remetem às glândulas mamárias humanas e animais, transformadas em símbolos do nutrir, e homenageiam mães-nutrizes, mães-terra, mães-cultura e mães-sabedoria. A série apresenta a fertilidade como princípio biológico, simbólico e cultural, e reverência o feminino como origem, nutrição e permanência, lembrando que existir é também dar continuidade ao que nos foi oferecido.

Curadoria: Sandra Makowiecky
Exposição: Raízes
Artista: Cristina Brattig Almeida
Abertura: quarta-feira, 28 de outubro de 2026, às 19h
Visitação: até 28 de fevereiro de 2027
Local: Museu de Arte de Santa Catarina (MASC)
Av. Gov.Irineu Bornhausen, 5600, Agronômica, Florianópolis/SC



500 ANOS DE SANTA CATARINA

Em novembro, a Fundação Catarinense de Cultura promove uma programação especial em comemoração aos 500 anos de Santa Catarina. O Museu de Arte de Santa Catarina (MASC) recebe uma exposição com obras do próprio acervo, enquanto o Museu Histórico de Santa Catarina – Palácio Cruz e Sousa apresenta uma mostra dedicada à trajetória do estado. No Centro Integrado de Cultura (CIC), as Salas Lindolf Bell recebem exposições que destacam artistas catarinenses e a história de Caboto e sua relação com o processo histórico que marca os cinco séculos de Santa Catarina.



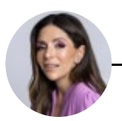
MÚSICA, GASTRONOMIA E CELEBRAÇÕES DE ANO NOVO

A programação musical ganha destaque no dia 28 de novembro, quando Delfino 146 receber a Hunters Rock Band, formada em Balneário Camboriú por músicos com mais de 15 anos de experiência nos palcos. O repertório percorre Classic Rock, Pop Rock, Grunge e Rock Alternativo, com releituras de U2, Pearl Jam, Pink Floyd, Dire Straits, The Cure e Queen.

Para fechar o ano, o Réveillon do Franz terá vista para os fogos da Ponte Hercílio Luz, shows do Soud Trio e Grupo TBT, menu especial assinado pelo chef Cláudio e drinks exclusivos, com o brinde da virada na praça em frente à ponte.



Sound Trio



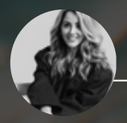
Carol Lobato
RP e colunista social.
@carollobato

O NOVO LUXO É VIVER BEM

Wellness é um dos temas mais fortes na nutrição agora. Mais do que uma questão de saúde, o wellness também vem ganhando peso na economia global, com grandes marcas se alinhando a essa nova forma de viver a vida. Mas o que isso tem a nos mostrar, para nós, entusiastas do estilo de vida saudável, é que ser saudável nunca foi tão cool.

As pessoas estão buscando medicamentos e procedimentos para ficar cada vez mais jovens, magras e bonitas. Só que a neurociência vem mostrando, através de estudos, que apesar da rapidez desses recursos, quem manda na nossa beleza é o cérebro. Não basta seguir uma dieta restritiva: o cérebro precisa trabalhar o hábito diariamente. Microbiota, sono, genética, saúde mental, prevenção e comportamento moldam os hábitos que repetimos. Dormir melhor, exercitar o corpo, comer comida de verdade e não ultraprocessados fortalece os circuitos que sustentam esses comportamentos e, principalmente, reduz a inflamação, o grande vilão da longevidade. É o cérebro que regula o estresse, os hormônios e as escolhas do nosso dia a dia, e é aí que a beleza também se constrói.

Por isso o wellness deixou de ser um nicho para poucas pessoas e virou uma lente para entender de saúde. Hoje não é mais sobre viver mais, e sim viver melhor, com lucidez, energia e autonomia. Na prática, isso integra corpo, mente e alma. ●



Anna Heiderscheidt
Nutricionista e Farmacêutica
@nutriannaheiderscheidt

MENTE
Autoconhecimento, aprendizado, limites saudáveis, pensamentos que fortalecem.

CORPO
Nutrientes, exercício físico, movimento, sono.

ALMA
Propósito, gratidão, espiritualidade, relações e conexões verdadeiras, pessoas que inspiram, momentos de presença.

A GENTE JÁ FAZ PARTE
DO SEU CAMINHO.

SÓ FALTA FAZER PARTE
DA SUA VIDA.

A poucos minutos de você, existe um jeito diferente de viver o wellness.

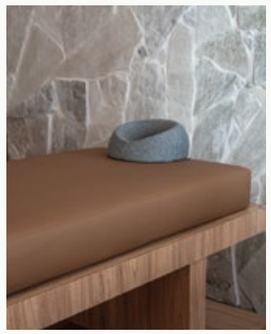
Musculação, piscina, beach tennis, aulas coletivas, sauna, spa e experiências que fazem bem. Tudo para se encaixar na sua rotina, não o contrário.

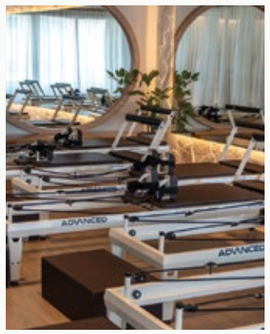
E sabe aqueles amigos que já fazem parte da JOY? Eles já falaram de você por aqui.
Só falta a gente se conhecer.

Duas unidades. Muitas possibilidades.
E um convite para conhecer tudo isso de perto.




(01) sauna


(02) spa


(03) pilates


(04) bike

J O Y O F Y O U

Seu Wellness Club
favorito em Florianópolis.

Nossas unidades:
Esteves Júnior
Mauro Ramos

Entre.
Conheça a JOY.



A BELEZA DE ENVELHECER NO *seu próprio* ritmo



O objetivo não é parecer outra pessoa. É continuar reconhecendo a própria imagem.

Cuidar de si ganhou um novo significado. Para quem valoriza saúde, vitalidade, boa alimentação, atividade física e um lifestyle ativo, o autocuidado não termina no corpo. Ele também passa pela forma como nos apresentamos e pela relação que construímos com a própria imagem.

Hoje, falar em 40 anos é muito diferente do que era algumas décadas atrás. A ideia de que essa seria uma fase de desaceleração ficou para trás. Aos 40, muitas pessoas estão no auge da carreira, com mais estabilidade financeira, repertório, autonomia e clareza sobre o que querem. Viajam, praticam esportes, empreendem, assumem novos projetos e continuam fazendo planos para os próximos 20 ou 30 anos.

É uma geração que também passou a pensar de outra maneira sobre envelhecimento. O conceito de longevidade deixou de significar apenas viver mais e passou a envolver viver melhor: preservar energia, força, autonomia, saúde e qualidade de vida por mais tempo. O chamado healthspan ganhou espaço justamente por isso.

Essa mudança também aparece no lifestyle. Academia, corrida, musculação, alimentação equilibrada, sono, proteção solar e cuidados preventivos deixaram de ser assuntos restritos a atletas ou pessoas muito jovens. Tornaram-se parte da rotina de uma geração que quer continuar ativa por muitos anos.

E se cuidamos do corpo para que ele acompanhe a nossa vitalidade, por que seria diferente com a face?

Podemos continuar com a mesma disposição, os mesmos projetos e a mesma vontade de trabalhar, mas perceber no espelho uma aparência mais cansada, uma perda de definição ou uma flacidez que não traduz mais quem somos.

Essa percepção ganha ainda mais importância no mercado de trabalho. Para quem empreende, lidera uma empresa, ocupa uma posição de destaque ou trabalha diretamente com pessoas, a imagem faz parte da comunicação. Antes de uma reunião começar, antes de uma apresentação ou de uma negociação, existe uma primeira impressão.

Isso não significa que aparência seja sinônimo de competência. Não é. Mas a imagem participa da maneira como nos posicionamos. Uma pessoa segura, ativa e cheia de projetos pode querer que sua aparência acompanhe essa percepção. Em um mercado cada vez mais dinâmico, em que presença, comunicação e relacionamento têm um papel importante, sentir-se bem com a própria imagem faz diferença.

É nesse contexto que a cirurgia facial e os procedimentos estéticos encontram um novo lugar. Não como uma tentativa de interromper o envelhecimento, mas como ferramentas para cuidar da imagem ao longo do tempo.

O facelift é um dos exemplos dessa evolução. Técnicas modernas, como o Deep Plane Facelift, permitem trabalhar planos mais profundos da face, reposicionando estruturas e tratando a flacidez de maneira mais completa. Quando bem indicado, o objetivo é recuperar definição e proporção, preservando os traços que fazem aquela face ser reconhecida.

O mesmo vale para procedimentos não cirúrgicos. Tecnologias, bioestimuladores, preenchimentos e tratamentos voltados à qualidade da pele podem fazer parte de um planejamento individualizado, acompanhando as diferentes fases da vida.

Aos 40, 50 ou 60, não é preciso escolher entre envelhecer e cuidar da aparência. É possível fazer os dois. Assim como treinamos para preservar força e cuidamos da alimentação pensando nos próximos anos, podemos cuidar da face para que ela acompanhe a vitalidade que construímos. ●

Dra. Ingrid Lückmann
Cirurgiã Plástica | CRM-SC 12912 | RQE 9992
Referência em rejuvenescimento e embelezamento facial
Membro Titular da SBCP | Membro Ativo da ISAPS
Florianópolis, Brasil
ingridluckmann.com.br | @tudosobreplastica

Gralha
IMÓVEIS
CRECI 3848J

FLORIANÓPOLIS
SANTA CATARINA

A Bocaiúva vive *um novo capítulo*



Novas obras de requalificação vão renovar a mobilidade, a acessibilidade e os espaços de convivência da região.

Bocaiúva e Beira-Mar Norte:
o valor dos endereços mais exclusivos

R$ 44,5 mil/m²
Preço médio anunciado
Imóveis selecionados de alto padrão na Bocaiúva e eixo da Beira-Mar Norte
Fonte: Gralha Intelligence

+8,3%
Variação em 12 meses
Centro · Referência de bairro
Fonte: DataZap

+58,5%
Variação em 5 anos
Centro · Referência de bairro
Fonte: DataZap

Um *novo vetor de valorização* inicia com a chegada da Marina Beira-Mar e Parque Urbano.

Esteja à frente dos lançamentos da região!

gralhaimoveis.com.br | 48 3028-8383

Gralha Imóveis
especialista no alto padrão de Florianópolis

Há mais de duas décadas, a Gralha Imóveis acompanha a evolução da cidade, seus bairros e os endereços que ajudam a definir o valor de cada região.

CRECI 3848J



gralha prime
C3848J

Para escolhas que exigem mais, *os melhores especialistas*

Top 10 corretores de imóveis integram o Gralha Prime, com atuação dedicada ao alto padrão.

Gralha
IMÓVEIS
CRECI 3848J

Acesse o site

Nossas agências

Centro · Jurerê · Trindade · Campeche · Pedra Branca

gralhaimoveis.com.br | @gralhaimoveissc | 48 3028-8383

A CIDADE EM 15 MINUTOS

Um roteiro prático para aproveitar um dos endereços mais movimentados de Florianópolis.

GASTRONOMIA | ENTRETENIMENTO
Artusi Ristorante @artusiristorante
Berlin Floripa @berlin.floripa
Boteco da Ilha @botecodailhafloripa
Bocaiúva Rooftop @bocaiuvarooftop
Black Sheep on the Roof @blacksheepontheroof
Casa Hurbana Bocaiuva @casahurbanabocaiuva
Costelaria Ponta D'Agulha @pontadagulha
DoshiraKorea @doshirakorea
Delfino 146 @delfino146
Emporium Bocaiuva @emporiumbocaiuva
Ene Sushi @ene.sushi
El Señor Asador de Brasa @elsenorasadordebrasa
Franz Cabaret & Restaurant @franzcabaret
L'Île Brasserie @lile_brasserie
Macarronada Italiana @macarronadaitalianafloripa
Mercado São Jorge @mercadosaojorge
Osli @oslirestaurante
Jazzinn Gastrobar @jazzinngastrobar

CAFÉS | GELATERIAS
Amoriko Brigaderia @amoriko.brigaderia
Chuvisco @confeitariachuvisco
Café Cultura @cafecultura
Go Coffee @gocoffeebrasil
Gelato Di Panna @gelatodipanna
Liebe by Bene Café @benecafeoficial
Sorveteria Cocota @cocotasorveteria

MERCADOS
Angeloni @redeangeloni
Hippo Supermercados @hipposupermercados
Imperatriz Gourmet @redeimperatriz

SHOPPING
Beiramar Shopping @beiramarshopping

WELLNESS
Avva Wellness House @avvahouse
Joy Wellness Club @joy.ofyou

ESCOLAS
Colégio Catarinense @colegiocatarinense
Centro Educacional Menino Jesus @cemjmeninojesus
Escola Dinâmica @escoladinamica
Maple Bear @maplebearfloripa







EDITORIAL

Entre a *primavera* e o *verão*

Uma carta de quem acredita que histórias bem contadas constroem encontros repletos de boas memórias.

A primavera tem algo que nenhuma outra estação consegue imitar: a sensação de que tudo pode florescer. Novembro é a antessala do verão em Floripa, das praias cheias, da cidade que transborda. Tem algo de inauguração, de expectativa. O ar muda de textura, a luz chega de outro ângulo, as pessoas saem mais à rua. Florianópolis fica ainda mais bonita.

Parecia o momento certo para lançar algo novo num bairro que também está florescendo. Esse jornal nasceu da convicção de que a Bocaiúva tem histórias que merecem ser contadas com muito afeto. E de que as pessoas que vivem, trabalham e passam por aqui têm muito mais em comum do que as construções que as separam.

A Bocaiúva não está mudando por acaso. Há um movimento em curso, de moradores, lojistas, arquitetos, artistas e uma cidade que decidiu levar a sério a qualidade do seu centro. Este jornal nasceu dentro desse movimento. Não para documentá-lo de fora, mas para ser parte dele.

O Jornal Bocaiúva é isso, uma condição para o encontro.

Uma publicação trimestral que não quer apenas informar, quer conectar e pertencer. Cada texto desta edição foi escrito por alguém que tem uma relação real com esse bairro. Cada pauta nasceu de uma conversa, de um encontro ou de uma experiência.

E porque acreditamos que arte também é uma forma de contar histórias, cada edição traz uma obra para colecionar, um pedaço do bairro para emoldurar e guardar. E para as famílias, o Detetive do Bairro, uma página de colorir com os endereços icônicos do Distrito Bocaiúva, para descobrir e explorar junto com as crianças.

Acredito que lugares se tornam especiais quando as pessoas que neles vivem decidem contá-los. É assim que uma rua vira bairro, um bairro vira comunidade e uma comunidade vira cidade. Contar a Bocaiúva é, antes de tudo, um ato de amor pelo que ela já é e pelo que ela ainda vai ser. Um bairro de encontros.

Bem-vindos à nossa primeira edição. Celebre a Bocaiúva.



Giu Brandão
Editora-chefe
@giu_brandao

JORNAL
BOCAIÚVA
Lugar de Encontros
Ano 1 • Edição 1

Publisher - Distrito Bocaiúva
Editora-chefe - Giuliana Brandao
Projeto Gráfico e diagramação - Vivian Lobenwein
Coordenação e Gestão -
Clarice Mendonça e Cristiane Reitz.

Colaboradores
Anna Heiderscheidt, Carla Lins, Carlos Ferreirinha, Camila Oliveira, Ingrid Lückmann, Isabela Coelho, Juliana Dal Piva, Marcela Braga, Melina Costa, Patricia Philippi, Renata Katayama, Sandra Makowiecky, Tati Filomeno, Talia Flor, Vitória Willrich.

Comercial - Carlos Eduardo Silveira
Marketing - Shaiane Konrad Bogeo
Curadoria de Arte - Myriam Consonni Gomes e Marc Pottier
Coleção Bocaiúva - Yone Araujo
Direção de Arte Distrito Bocaiúva - NVS
Capa - Serginho Arruda
Fotografia - Philippe Arruda, Jeferson Hoffmann, Acervo Hurbana
Distribuição Trimestral - 1000 cópias
Agradecimentos - ACIF, CDL, Hurbana, e Casa Hurbana Bocaiúva

Fale com o Jornal Bocaiúva
Email giuliana.brandao@hurbana.com
Tel +55 (48) 9221-2949

@casahurbanabocaiuva

Este jornal é uma publicação dedicada à valorização da vida no bairro, reunindo informações, serviços, cultura e conteúdos de interesse da comunidade. Os textos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não refletem, necessariamente, a posição editorial da publicação.



Seu ponto de *encontro* da Rua Bocaiúva

Casa Hurbana
Bocaiúva

Eventos | Galeria de Arte | Gastronomia

Rua Bocaiúva, 2013 | Todos os dias | 9h às 23h | @casahurbanabocaiuva